

**RISONHAS CRÔNICAS DE EMIR MACEDO NOGUEIRA:  
PERCEPÇÕES DA MUDANÇA DA NOSSA LÍNGUA AO LONGO DO TEMPO****SMILING CHRONICLES OF EMIR MACEDO NOGUEIRA:  
PERCEPTIONS OF CHANGES IN PORTUGUESE LANGUAGE THROUGH TIME**Maiara Keiko UNO<sup>1</sup>

**RESUMO:** Analisam-se quatro crônicas da autoria de Emir Macedo Nogueira que mostram a mudança, ao longo dos anos, de palavras e expressões que, à época da publicação, eram comuns ao linguajar cotidiano. As crônicas, denominadas “A semântica e a relatividade dos palavrões”, “A revolução de 9 de julho e simplificação ortográfica”, “Colorida” e “Mais melhor” e “o salsicha” são exemplos de vivacidade da constante mudança imposta pelos usos da Língua Portuguesa. Busca-se, assim, por meio de textos curtos e bem humorados, trazer a reflexão e a comparação entre passado e presente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Emir Macedo Nogueira. Crônica. Jornal Folha de São Paulo.

**ABSTRACT:** Four chronicles of Emir Macedo Nogueira are analysed. They show changes through the time of words and expressions. The chronicles, which names are *A semântica e a relatividade dos palavrões*, *A revolução de 9 de julho e simplificação ortográfica*, *Colorida* and “*Mais melhor*” e “*o salsicha*” are vivacity examples of the constant modifications that Portuguese language imposes. Therefore, we search by means of short and good humored texts bring reflections and comparations between past and present.

**KEYWORDS:** Emir Macedo Nogueira. Chronicle. Folha de São Paulo newspaper.

## Introdução

Este artigo resulta do desenvolvimento de pesquisa acadêmica [“Folhas efêmeras: as crônicas de Emir Macedo Nogueira na *Folha de São Paulo*” (FAPESP, Processo 2015/08055-4)], que consistiu na indexação das crônicas que compunham a coluna “A Língua Nossa de Cada Dia” (1968-1982) e resultou em dissertação, defendida na Faculdade de Letras da UNESP-Assis, em que foram reunidos e analisados os diferentes trabalhos de Emir Macedo Nogueira (1927-1982) dedicados à difusão do conhecimento sobre a Língua Portuguesa.

Macedo utilizou veículos de comunicação de massa, como o jornal e o rádio, para propor a reflexão cotidiana sobre o instrumento de linguagem que utilizamos. O corpus da dissertação

---

1. Mestre em Letras pelo Programa da Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, campus de Assis na área Leitura, Crítica e Teoria literária. E-mail: professoramaiarauno@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-3945-3669>.

compôs-se de cinco crônicas da coluna de crônicas esportivas “Maneiras de Dizer” (1973-?), vinte editoriais assinados pelo autor e setenta crônicas da coluna “A Língua Nossa de Cada Dia” (1968-1982), além de informações sobre os programas de rádio “Encontro com a Literatura” (1974-?) e “Português para Todos” (1974-?), cujo roteiro era elaborado por Nogueira.

O método de análise do *corpus* orienta-se pelo tripé leitura-análise-síntese e tem o trabalho de Weinhardt (1956) sobre o Suplemento Literário do jornal *O Estado de São Paulo* como modelo. Utilizamos o gênero textual “crônica” a partir das considerações de Dimas (1974), Sá (1985), Candido (1992). A história da *Folha de São Paulo* foi considerada a partir de Mota e Capelato (1981) e Pinto (2012).

Neste artigo, propomos a análise de quatro crônicas para evidenciar o método de divulgação de conhecimentos linguísticos adotado por Nogueira e sua postura problematizante frente às regras gramaticais da língua portuguesa, movido pela convicção de que: “[...] corremos o risco de eternizar o erro que explica a grande insuficiência das aulas de Português: ensinamos uma língua e usamos outra. Ensinamos o que não usamos.” (Emir Macedo Nogueira. In: *Folha de São Paulo*. Terceiro Caderno, p. 08, 1971).

A origem da crônica – um gênero textual que faz parte da área opinativa do jornal – remonta à França novecentista, quando *le feuilleton* foi inaugurado. Era, originalmente, um espaço para entretenimento que ficava ao rés-do-chão, ao final da primeira página. No Brasil, *le feuilleton* foi traduzido como “folhetim” e, aos poucos,

[...] foi encurtando e ganhando certa gratuidade, certo ar de quem está escrevendo à toa, sem dar muita importância. Depois, entrou francamente pelo tom ligeiro e encolheu de tamanho, até chegar ao que é hoje. (CANDIDO, 1992, p. 15).

Desde cedo, então, junto a grandes nomes como João do Rio, a crônica se espalha pelos jornais e passa a ser apreciada pelos leitores, que são informados sobre acontecimentos que se destacam da vida ordinária, por meio de uma linguagem mais leve, fluida e com requintes estilísticos.

A principal função de uma crônica é a social (CANDIDO, 2000) devido à sua ligação intrínseca com a realidade e com o tempo no qual é escrita. Esse texto, geralmente leve e ágil, “[...] não tem pretensões a durar, uma vez que é filha do jornal e da era da máquina, onde tudo acaba tão depressa [...]” (CANDIDO, 1992, p. 14-15). A própria origem etimológica da palavra “crônica” está diretamente ligada ao tempo uma vez que advém do sintagma grego *khrónos*.

É esse o gênero textual que o autor Emir Macedo Nogueira (Cravinhos, 09/07/1927 – São Paulo, 11/09/1982), foco de nosso estudo no presente artigo, escolheu para tecer comentários e mostrar seu singular ponto de vista sobre os usos da língua portuguesa para seus leitores.

Nogueira contribuiu muito para a aproximação entre povo e linguagem, entre pessoas reais e a língua portuguesa. Entretanto, é uma figura pouco lembrada, tendo apenas sido brevemente comentada nos livros *História da Folha de S. Paulo (1921-1981)* (MOTA; CAPELATO, 1981) e *Folha conta Folha* (PINTO, 2012). Curiosamente, o intelectual é homenageado com a

atribuição de seu nome a escolas no estado de São Paulo, as quais não conhecem sua história – como constatado ao entrarmos em contato via telefone com algumas delas.

Algumas crônicas de Nogueira foram digitalizadas e estão disponíveis no site *Diário do Centro do Mundo*, de responsabilidade de Paulo Nogueira, o filho mais velho de Emir Macedo Nogueira. O trabalho mais extenso sobre o autor, porém, é a dissertação de mestrado *Língua e sociedade: a produção intelectual de Emir Macedo Nogueira* (UNO, 2020), dedicada à recuperação de sua memória e à análise de seus escritos.

Diante desse cenário, é necessário traçar uma breve biografia do autor antes de nos atermos à análise das crônicas *A revolução de 9 de julho e simplificação ortográfica*, *Colorida*, “*Mais melhor*” e “*o salsicha*” e, por fim, *A semântica e a relatividade dos palavrões*. Todas as crônicas foram publicadas no jornal Folha de São Paulo e podem ser encontradas no site *Acervo Folha* bem como nos anexos deste artigo.

### **Nogueira: jornalista, professor, intelectual**

Há pouca documentação acessível sobre Emir Macedo Nogueira (Cravinhos, 09/07/1927 – São Paulo, 11/09/1982) e, as poucas existentes, são sempre de terceiros – como, por exemplo, o depoimento de seu companheiro de jornal o professor José Reis – sobre nosso autor em estudo. Baseamo-nos nas informações do jornal *Folha de São Paulo* disponíveis no site *Acervo Folha* para conhecer mais a figura desse intelectual.

Sabe-se que Nogueira nasceu no interior do estado de São Paulo em 1927 e se mudou para a capital por ter ingressado na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo em 1946. Logo em seguida, conseguiu emprego no jornal Folha de São Paulo como revisor por meio de um concurso.

Na época em que ingressou, o jornal era comandado por Nabantino Ramos e tinha como tônica seu “[...] caráter de verdadeira escola de jornalismo [...]” (MOTA; CAPELATO, 1981, p. 106), sendo responsável por revelar jornalistas como “[...] Mário Araújo Lobo, Hilton Pacheco de Souza Ribeiro, Célio Manuel Vieira, Geraldo Pinto Rodrigues, Emir Macedo Nogueira, [...]” (MOTA; CAPELATO, 1981, p. 106).

Concomitante às novas oportunidades que recebia no jornal, em 1951, Nogueira tornou-se professor. O colégio que marcaria o início de sua carreira docente era o Colégio Estadual Antônio Raposo Tavares (CENEART), de Osasco/SP. Além disso, também foi professor de técnica de jornalismo na Escola de Jornalismo Cásper Líbero, da Universidade Católica de São Paulo. Sua ânsia em educar, entretanto, não cessava.

Em 1959, Emir Nogueira participou como professor do projeto da *Folha de São Paulo* de promover cursos de introdução ao jornalismo (PINTO, 2012) em cidades do interior paulista. É no final da década de sessenta que o jornalista cria sua primeira coluna de crônicas, denominada *A Língua Nossa de Cada Dia* (1968-1982). Além desses, outros projetos educacionais e jorna-

lísticos também surgiram: as colunas “Maneiras de Dizer (1976-?) e “Frases” (?) e os editoriais escritos, majoritariamente, na década de setenta, para o jornal *Folha de São Paulo* e os programas de rádio da *Rádio Cultura*, dos quais ele era roteirista, “Português para todos” (1974-?) e “Encontro com a Literatura” (1974-?) (UNO, 2020).

Com o declínio da ditadura militar, nosso intelectual recebeu a honrosa medalha Euclides da Cunha e elegeu-se presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de São Paulo. Pouco depois, entretanto, precisa se afastar de todas suas atividades. Sua luta contra o câncer dura quatro meses, mas ele perde a batalha e falece em setembro de 1982.

Com sua morte, seus escritos também foram sepultados. Nunca tendo editado seu trabalho em livro, as crônicas perderam-se dentro da efemeridade do jornal.

## Crônicas

É necessário fazermos considerações a respeito do estilo que o autor apresenta nas crônicas aqui analisadas. Como jornalista, Nogueira sabe que precisa ser rápido e conciso – afinal, no jornal há um espaço que deve ser preenchido: o texto deve se encaixar perfeitamente ali, sem palavras faltantes ou excedentes. Como professor, ele exemplifica várias vezes para ilustrar o que deseja explicar a seus leitores-alunos.

Buscando unir duas paixões, o ensinar e o divulgar, Nogueira cria a coluna dominical *A Língua Nossa de Cada Dia* (1968-1982). Com mais de uma década de história, apesar de muitas lacunas em sua trajetória (UNO, 2020), esse é possivelmente o trabalho de maior fôlego de nosso autor.

Como em qualquer crônica, os textos de Nogueira iniciam-se a partir de um fato que advém da realidade e é transportado para o jornal, local onde será analisado dos mais diversos ângulos e perspectivas. A novidade aqui são os aspectos linguísticos tratados a partir dos eventos cotidianos (UNO, 2020), que são um fio condutor que sai dos eventos cotidianos para penetrar nos livros de gramática. Tudo, porém, sem que se torne enfadonho.

Selecionamos as quatro crônicas sob o critério da percepção do autor frente às mudanças relativas à Língua Portuguesa. Como adicional, encontramos traços de humor no conjunto selecionado. É importante dizer que o humor aqui descrito não é do tipo que faz o leitor gargalhar, mas possibilita-o abrir um leve sorriso de cumplicidade junto ao autor.

A crônica *A semântica e a relatividade dos palavrões* traz aos leitores do jornal diversos exemplos de como o que em determinada época era dito sem grandes problemas, posteriormente pode transformar-se em uma palavra de conotação extremamente negativa, o que popularmente pode ser chamado de palavrão. Muitos dos exemplos elencados são eruditos, fala-se de verbos italianos e também das obras de Gil Vicente.

O texto de Nogueira pede que o leitor traga seu conhecimento de mundo para dentro da crônica. O autor, em si, não se refere diretamente a nenhuma palavra de baixo calão, mas, no entanto, sugere várias delas. Um exemplo é “[...] no Brasil fêz-se do verbo **puxar** um composto,

para designar o bajulador, o adulator. Era no início palavra do tipo das impublicáveis; hoje, vai-se incorporando ao vocabulário [...]" (NOGUEIRA, 1968. Negrito do autor). Atualmente, faz-se claro que estamos falando do vocábulo “puxa-saco”, que continua tendo conotação negativa, porém é de aceitável uso em diversas situações e discursos informais. Isto é, o dito palavrão dos tempos de Nogueira não é mais do que um vocábulo de escolha duvidosa na atualidade.

O texto também possui aspectos linguísticos responsáveis pela questão educacional encontrada no texto característico de Macedo Nogueira: o jornalista se une ao professor para levar mais educação às massas por meio de um veículo de grande circulação que é o jornal. O autor explica a evolução desse conceito (puxa-saco) e de outros por meio da linguística. Traz explicações semânticas para a compreensão do processo de mudança de sentido, ganhando mais tonalidades positivas ou negativas, dependendo do contexto no qual é empregado, pois, por vezes, Nogueira pontua o uso do palavrão como espécie de interjeição de grande poder expressivo – “[...] Estes [os vocábulos] não permanecem invariavelmente com a mesma acepção; seu sentido amplia-se ou se restringe, nobilita-se ou degrada-se. [...]” (NOGUEIRA, 1968). Nas entrelinhas, o autor se mostra consciente da possibilidade de haver variação no sentido e uso dessa e de outras palavras da língua vernácula.

Outra crônica cujo tema linguístico é a semântica é o texto *Colorida*. Última crônica escrita para o jornal, ela trata, especificamente, do “esvaziamento de sentido das palavras” (NOGUEIRA, 1982) – mais precisamente do adjetivo que intitula o texto.

Um importante apontamento a ser feito é que esse texto é muito menor do que o tamanho convencional dos de Nogueira, possivelmente devido ao avanço de sua doença, uma vez que no próprio corpo do texto encontramos a inscrição “Ditado do Hospital Sírio-libanês.” (NOGUEIRA, 1982).

O termo “colorida” foi, primeiramente, utilizado em uma série de programas da TV Globo. Ganhando adeptos, esse adjetivo passou a ser utilizado como modo de chamar atenção, sem que houvesse realmente um sentido, seja o de “vivaz, cheio de cores”, “descomprometimento de uma relação amorosa” ou qualquer outro. Assim “[...] um supermercado anuncia também sua “liquidação colorida”, sem que se saiba exatamente o que quer dizer isso [...]” (NOGUEIRA, 1982). O humor nesta crônica se dá pelo ridículo dos exemplos trazidos pelo autor e que, naquele momento, eram partes da realidade. O que, afinal, seria uma “liquidação colorida”? Jamais saberemos, assim como Nogueira jamais descobriu.

Por fim, o adjetivo é sentenciado pelo autor: “[...] cairá de moda e ninguém mais se lembrará de usá-la fora do seu valor normal: [...]” (NOGUEIRA, 1982). É curioso como o surgimento de uma expressão (“amizade colorida”) forjada artificialmente pela televisão ainda é, nos dias atuais, usada pelos jovens e conserva o sentido que o veículo de informação televisivo lhe imputou. A partir desse exemplo vemos que, por vezes, mesmo construções artificiais podem permanecer impunes ao tempo. Muitas, entretanto, não possuem essa sorte, o que ocorre com as gírias por exemplo.

Com um viés muito mais educativo do que as duas últimas crônicas, aprendemos por meio da crônica *Revolução de 9 de julho e a simplificação ortográfica* que o sistema ortográfico vigente no Brasil é o sistema misto, que “[...] tem a preocupação de conciliar uma coisa e outra, simplificando mas, no mesmo tempo, respeitando, no que fôr possível, a evolução histórica dos vocábulos.” (NOGUEIRA, 1968). O texto trata da “Ortografia Simplificada Brasileira” do general Bertoldo Klinger e das várias tentativas de se chegar a um acordo sobre como deve-se organizar o modo como escrevemos as palavras. O absurdo se dá pela transcrição de um trecho da autobiografia do general, escrita em sua própria ortografia, ao final da crônica, que gera confusão e riso nos leitores.

Segundo Nogueira, o sistema ortográfico misto que utilizamos traz uma solução intermediária:

[...] se a cada som correspondesse uma representação, isto é, uma letra, as dúvidas ortográficas diminuiriam substancialmente. As tentativas nesse sentido, entretanto, esbarram sempre num compreensível conservadorismo, de um lado, e, de outro, no louvável empenho de evitar que, deformada demasiadamente a morfologia de origem, a linguagem escrita perca suas características tradicionais e se afaste do modelo ao qual está prêsa por profundos laços culturais e históricos (NOGUEIRA, 1968).

Crônica política, porém, discreta o suficiente para passar pela censura da época – não se podia escrever o que quer que fosse contra o que a ditadura militar desejava. Esse texto traz em pauta a celebração da “revolução constitucionalista de 1932”, evento histórico visto com bons olhos no período ditatorial. De maneira velada, percebe-se que o evento é considerado negativamente pelo autor, como podemos afirmar por meio do trecho “[...] Este, como a história mostra, acabou perdendo também a revolução ortográfica que pretendeu fazer.” (NOGUEIRA, 1968). No excerto, temos o vocábulo “também” ligando-se ao verbo “perder”, mostrando que, além da tentativa de golpe falha, também falhou a tentativa do general em impor um novo código linguístico.

“*Mais melhor*” e “*o salsicha*” é o título de uma crônica sobre a linguagem publicitária, que brinca com – e às vezes bagunça – a nossa língua. Ciente da intenção de chamar atenção para determinado produto, Nogueira sabe que os “atentados à gramática” são propositais e, mais que isso, podem até certo ponto ser necessários para que o fim último da publicidade, vender, seja concretizado.

Um dos exemplos é

[...] a propaganda de um frigorífico que fala das maravilhas de o salsicha por ele fabricado. Na televisão, o salsicha é exaltado com sotaque alemão. O anúncio, evidentemente, procura ligar duas idéias: 1) alemão gosta de salsicha e entende disso; 2) alemão faz confusão nos gêneros, em português. O “erro”, assim, teria o objetivo de incutir uma nota de autenticidade nos elogios que o “alemão” faz à salsicha (NOGUEIRA, 1971).

Assim, a troca proposital do artigo definido feminino pelo masculino tem como intenção falsear (uma vez que provavelmente o “alemão” do comercial não é, de fato, nativo daquele

país) a autenticidade e qualidade do produto. A propaganda atinge seu objetivo? Não sabemos, mas o erro gramatical está ali, de propósito, anotado para a posteridade.

Novamente, o professor ataca: reclama da publicidade “educativa” de leite que se refere à bebida como “O bebida” para, alega-se, mostrar que o líquido não deve ser exclusividade das crianças e das mulheres. Mostra, com esse comentário, a falta de seriedade com que a educação brasileira, muitas vezes, é tratada.

O autor cita mais alguns outros exemplos extraídos do cotidiano e pondera:

Muita gente, com boas razões, discorda dessas ousadias, por seu caráter deseducativo; brincando, brincando, as maiores extravagâncias acabam sendo assimiladas por um povo que já conhece mal a sua língua, que assim se corrompe cada vez mais. Outros são mais tolerantes, achando que o caráter convencional de erro da maioria dêse anúncios continua bem claro, sendo pois eles inofensivos (NOGUEIRA, 1971).

A opinião de especialista do autor é que não se deve tolerar qualquer absurdo graças à “licença poética” atribuída à propaganda. Afinal, o autor discorda dessa distorção da língua portuguesa para reforçar um preconceito que já está enraizado em nossa sociedade.

O humor, aqui, concentra-se na última frase do texto: “[...] Novos produtos poderão dizer que ‘cheguemo, **bringuemo** e ganhemo’ e com esses brilhantes achados conquistarão a praça.” (NOGUEIRA, 1971), sendo que a expressão desdenhada pelo autor seria uma releitura da conhecida frase latina atribuída ao imperador Júlio César: “veni vidi vici”, que tem como tradução aproximada “vim, vi e venci”.

## Conclusão

Ao longo desse artigo, conhecemos brevemente a figura intelectual de Emir Macedo Nogueira e tivemos acesso a análises de alguns de seus textos, que são reflexos da época na qual foram escritos e, ao mesmo tempo, são visitas ao passado de nossa língua vernácula tendo em vista que “[...] todo signo ideológico, e, portanto, também o signo linguístico, vê-se marcado pelo horizonte social de uma época e de um grupo social determinados. [...]” (BAKHTIN, 2006, p. 43).

Temos, então, um duplo movimento: conseguimos analisar perspectivamente o passado enquanto este ainda era o presente por meio das opiniões de Emir Nogueira e, concomitantemente, podemos comparar os eventos da realidade e do vernáculo com o momento atual, comparando o que fora escrito com o que pensamos, vimos e acreditamos.

Pensando que a língua é viva e mutável, comprovamos a ideia de que ao utilizarmos a língua, a qual construímos e por ela somos construídos já que, como pontua Bakhtin (2006):

[...] toda palavra comporta *duas faces*. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede *de* alguém, como pelo fato de que se dirige *para* alguém. Ela constitui justamente *o produto da interação do locutor e do ouvinte*. Toda palavra serve de expressão a *um* em relação ao *outro*.

Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra apóia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor (BAKHTIN, 2006, p. 115. Itálicos do autor).

Desse modo, notamos que a singularidade dos textos de Emir Macedo Nogueira e de sua percepção e noção de mudança da língua vernácula através dos tempos, pois entende-se que a língua é viva e modifica o sujeito ao mesmo tempo em que este é por ela modificado.

## Referências

- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. [s. l.]: HUCITED, 2006, 12 ed. CANDIDO, A. *et al.* *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Ed. da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- CANDIDO, A. Estímulos da criação literária In *Literatura e sociedade*. 8ª ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.
- MOTA, Carlos Guilherme Santos Seroa da; CAPELATO, Maria Helena. *História da Folha de S. Paulo: 1921-1981*. São Paulo: Impres, 1981.
- PINTO, Ana Estela de Sousa. *Folha*. São Paulo: Publifolha, 2012. Folha Explica.
- NOGUEIRA, Emir Macedo. “Mais melhor” e “o salsicha”. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 14 nov. 1971. Primeiro caderno, p. 42. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/compartilhar.do?numero=4207&anchor=4378586&pd=90f7f8ab215745fb52626b8959906aab>. Acesso em 09 maio 2023.
- NOGUEIRA, Emir Macedo. A revolução de 9 de julho e simplificação ortográfica. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 17 jun. 1968. Caderno Ilustrada, p. 09. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/compartilhar.do?numero=2989&anchor=4470604&pd=c96ec6d7cd7a10d406939b864051ca2e>. Acesso em 09 maio 2023.
- NOGUEIRA, Emir Macedo. A semântica e a relatividade dos palavrões. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 30 jun. 1968. Caderno Ilustrada, p. 8. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/compartilhar.do?numero=2975&anchor=5187140&pd=36f05afad94e6924150fe9b930d57d45>. Acesso em 09 maio 2023.
- NOGUEIRA, Emir Macedo. Colorida. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 05 set. 1982. Caderno Local/Educação, p. 6. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/compartilhar.do?numero=8155&anchor=4202305&pd=3ab385047aab677bd8b27d6461e4f90b>. Acesso em 09 maio 2023.
- UNO, Maiara Keiko. *Língua e sociedade: a produção intelectual de Emir Macedo Nogueira*. 2020. 174 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras). Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2020.

## **ANEXO I - crônica A revolução de 9 de julho e simplificação ortográfica**

O supremo comando militar da Revolução Constitucionalista de 1932 – que esta semana comemorou mais um aniversário – coube, como não se ignora, ao general Bertoldo Klinger, o qual viria a tornar-se conhecido no Brasil não apenas pela sua participação naquele movimento, mas pelas tentativas que fez para criar uma nova ortografia. O general (ou jeneral, como ele próprio escrevia) é o autor de uma Ortografia Simplificada Brasileira (assim), que usou em numerosas obras. Os que sonham com a simplificação, e dizem que ela vai ser a “escrita do futuro”, talvez não saibam que há mais de 30 anos se cuida do assunto.

Existem basicamente três tipos de sistemas ortográficos: o etimológico, o fonético (ou simplificado) e o misto. O primeiro procura conservar as palavras fiéis às formas de origem (**philosophia**, **chimera**, **aproximar** são grafias que a etimologia justifica). O sistema fonético, naturalmente, baseia-se apenas na pronúncia, buscando atribuir a cada som uma única representação gráfica. O misto tem a preocupação de conciliar uma coisa e outra, simplificando mas, no mesmo tempo, respeitando, no que for possível, a evolução histórica dos vocábulos. A ortografia vigente no Brasil assenta-se no chamado sistema misto.

As dificuldades ortográficas que todos encontram decorrem das imperfeições do alfabeto. Neste, há letras que têm vários valores: o **x**, por exemplo, pode valer **che** (xícara), **ze** (exame), **ce** (máximo), **ese** (fixo) ou ter ainda o valor de **s** em fim de sílaba (extenso). Por outro lado, há sons representados por diferentes letras: caso do som **ze**, ora representado por **z** (azia), ora por **s** (casa), ora ainda por **x** (exato).

É lógico que, se a cada som correspondesse uma representação, isto é, uma letra, as dúvidas ortográficas diminuiriam substancialmente. As tentativas nesse sentido, entretanto, esbarram sempre num compreensível conservadorismo, de um lado, e, de outro, no louvável empenho de evitar que, deformada demasiadamente a morfologia de origem, a linguagem escrita perca suas características tradicionais e se afaste do modelo ao qual está presa por profundos laços culturais e históricos.

Vela a pena, de qualquer forma, ler uma amostra da ortografia simplificada do gen. Klinger, ao menos para aproveitar o ensejo das comemorações do 9 de julho. Seguem-se alguns trechos de uma proclamação que dirigiu ao país, a 12 daquele mês, em 1932 (transcritos do livro “Narrativas Autobiográficas”, Vol. VII):

“Camaradas sivils e militares! A glorióza insurreisãõ paolista contra a ditadura foe uma realizaõ irrezistível, imediatamente consumada, sem um tiro, pela manífesta solidariedade das guarnisões federal, estadual, organizaões militares e sivils e toda a populasãõ outra. O lomjimcuo Mato Grosso (...) imediatamente secundou ésa nóbre atitude. (...) Só á falta de imformasões sobre a verdade, falta, á imagem dos velhos métodos, suprida pela mentira, é ce nos Estados ainda não redentos, sivils e militares ainda não pronunçiarão a sua dezãõ a ésa caoza. (...) Agóra, porém, ce a verdade vos xega: ce esperaes? Quanto antes, maes patrióutico! (...) Estamos em marxa em vóso aosílio, maz muinto maes formozo, para vós e para nós, será ce não espereis!”

A imprensa da época, é claro, divulgava essas proclamações na ortografia corrente, e não na do general. Este, como a história mostra, acabou perdendo também a revolução ortográfica que pretendeu fazer.

## **ANEXO II - crônica A semântica e a relatividade dos palavrões**

Sem desejarmos meter a colher na briga em torno do palavrão, seja-nos permitido recordar que pouca coisa têm variado mais, na história da língua, do que o conceito de vocábulos considerados incompatíveis com o bom gosto, a boa educação e até a moral pública. Mesmo porque a própria noção de moral pública também está sempre alterando-se.

Em outras palavras, muita coisa que hoje é tida como palavrão, em outros tempos não o foi e no futuro pode ser também que não o seja. Quando se diz, por exemplo que Gil Vicente usava palavrões em suas peças, não se está sendo totalmente fiel à verdade. O fato é que o dramaturgo português do século XVI empregava palavras e expressões correntes no seu tempo, aceitar normalmente por todos. Por um motivo ou por outro, algumas dessas palavras mais tarde passaram a ser entendidas como ofensivas ao pudor, de acordo com padrões novos de moral, quase sempre muito discutíveis.

Chama-se semântica, o estudo da evolução do significado dos vocábulos. Estes não permanecem invariavelmente com a mesma acepção; seu sentido amplia-se ou se restringe, nobilita-se ou degrada-se. O chamado palavrão, hoje, foi quase sempre uma expressão pacificamente aceita, que mais tarde se deteriorou.

O verbo italiano **putare** significa limpar; dele se fez um adjetivo que se traduziria por limpa, pura, e se empregava para designar a donzela; por ironia e por malícia, com o tempo, passou a se o nome das mulheres de maus costumes. Para fugir à palavra maldita – o ‘nome feio’ – a estas mulheres se atribuíram dezenas de denominações, algumas eruditas, outras grosseiras. Em artigo famoso (“Pornéia”, de 1890), Rui Barbosa dá expressivo elenco de palavras e circunlóquios aplicáveis ao caso.

O eufemismo moderno **dar à luz** veio substituir o verbo próprio, que a Bíblia usa com frequência e Vieira emprega no púlpito.

Certos nomes de partes do corpo humano são banidos do vocabulário convencional, porém ninguém se constrange de usar derivados deles: cuecas, cueiros, acuar, recuar – são alguns exemplos.

Há relativamente poucos anos, no Brasil fez-se do verbo **puxar** um composto, para designar o bajulador, o adulador. Era no início palavra do tipo das impúblicas; hoje, vai-se incorporando ao vocabulário de todas as classes. O mesmo acontece com **encher**, no sentido de amolar, cacetear, irritar.

O tom altamente ofensivo de que se revestem determinados palavrões pode também diluir-se com o tempo. Expressões consideradas intoleráveis em outras épocas – daquelas que obrigavam praticamente a um revida violento, por questão de honra – por incrível que pareça, são hoje, em certas bôcas e em certas circunstâncias, verdadeiro elogio. Há pessoas que não sabem expressar melhor sua admiração por outras do que pespegando-lhes carinhosamente um palavrão dito de bôca cheia.

Em termos lingüísticos, o palavrão aproxima-se da interjeição. Exprime emoções súbitas, idéias não estruturadas, e freqüentemente perde seu significado original. Quando uma pessoa leva um grande susto, pode reagir exclamando simplesmente **ai, ui, oh!**, ou ainda **Meu Deus, Nossa Senhora**, ou então soltar um palavrão daqueles. É no fundo uma questão de hábito ou de gosto. Ou, se quiserem, de educação.

### **ANEXO III - crônica “Mais melhor” e “o salsicha”**

Há gente brava com um texto de propaganda comercial, onde se afirma que determinado produto é “mais melhor” do que os concorrentes. Se a grita fôr grande, o anunciante e a agência que produziu o anúncio provavelmente se sentirão muito felizes: afinal, terão conseguido seu objetivo principal, que era causar impacto, chamar a atenção, provocar comentários. Tudo isso, presume-se facilita atingir o fim último da propaganda: vender. Falem mal mas falem de mim.

Ultimamente, não tem sido raros os casos de “atentados a gramática” ou “afrontas a língua” (como dizer os zelosos defensores do vernáculo) nos textos publicitários. Muitos deles resultam de uma opção consciente, quer dizer, não se devem à ignorância. Ou se trata de expressões populares malsinadas pelas normas gramaticais convencionais, mas inegavelmente vivas, ou de transgressões determinadas pelo empenho de criar uma certa imagem do produto anunciado; ou ainda de simples jogos de

palavras, a que o redator do anúncio não resiste.

Todos com certeza já viram e ouviram a propaganda de um frigorífico que fala das maravilhas de o salsicha por ele fabricado. Na televisão, o salsicha é exaltado com sotaque alemão. O anúncio, evidentemente, procura ligar duas idéias: 1) alemão gosta de salsicha e entende disso; 2) alemão faz confusão nos gêneros, em português. O “erro”, assim, teria o objetivo de incutir uma nota de autenticidade nos elogios que o “alemão” faz à salsicha.

Na esteira de o salsicha apareceram pouco depois, numa campanha educativa (educativa!) do leite, painéis em que êste é chamado **o bebida**. No Parque da Água Branca, nesta capital, que milhares de crianças frequentam para se divertir nos fins de semana, existe ainda um painel dêsse: leite, **o bebida**. O masculino, aí, deve ter sido usado para mostrar que o leite é bebida de homens, não apenas de crianças ou mulheres. Um apelo ao machismo, enfim.

“Conosco ninguém podemos” era o vistoso título de propaganda de uma organização comercial, publicada há pouco na imprensa. Há nessa expressão um tom de orgulho brincalhão, que só se usa entre amigos íntimos e foi essa, provavelmente, a idéia que se quis aproveitar no anúncio.

Uma campanha de promoção de conhecido refrigerante fêz um jôgo de palavras com o substantivo sêde e a forma verbal sêde (segunda pessoa do plural do imperativo do verbo ser), disso resultando a expressão sêde feliz, que em grossas letras ilustrava a fotografia de um grupo de jovens a tomar a bebida. É claro que, se se tratava de um voto de felicidade, só poderia ser sêde felizes.

Muita gente, com boas razões, discorda dessas ousadias, por seu caráter deseducativo; brincando, brincando, as maiores extravagâncias acabam sendo assimiladas por um povo que já conhece mal a sua língua, que assim se corrompe cada vez mais. Outros são mais tolerantes, achando que o caráter convencional de êrro da maioria dêsse anúncios continua bem claro, sendo pois êles inofensivos.

Mas convém não exagerar, de qualquer forma. Nesse caminho, daqui a pouco, todas as barbaridades começarão a aparecer por aí, sob a forma de anúncio, para causar impacto. Novos produtos poderão dizer que “chegemo, briguemo e ganhemo” e com êsses brilhantes achados conquistarão a praça.

#### **ANEXO IV - crônica Colorida**

Muito bem. Aprendemos que o adjetivo “colorida”, da expressão “amizade colorida”, título de uma série de programas da TV Globo, significa uma espécie de relacionamento sexual ou sentimental fora dos padrões convencionais. Isto é, relacionamento mais “livre”, o que daria mais “cor” à convivência entre pessoas – como o que não parece ter concordado a censura, que obrigou o programa a sair do ar.

Agora o adjetivo “colorida” começa a aparecer em outros contextos, absolutamente irreconhecíveis. Assim é que um alimento infantil anuncia conter “energia colorida”. Como se trata de um achocolatado (Ovomaltine) para crianças, é difícil imaginar insinuações sexuais na promoção. E já um supermercado anuncia também sua “liquidação colorida”, sem que se saiba exatamente o que quer dizer isso a não ser que não passe de um barato apelo ao consumismo.

O que parece evidente é o esvaziamento de sentido das palavras. Os adjetivos, em especial, foram barateados e hoje há um esforço para revigorá-los nem que seja à custa de extravagâncias. Com “colorida” – criação erudita e artificial – deverá acontecer um fenômeno natural: cairá de moda e ninguém mais se lembrará de usá-la fora do seu valor normal: cheia de cor, vivaz. Nada mais será preciso, aliás, para que continue em voga essa bela palavra.

Ditado do Hospital Sírio-libanês.